



ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

Tecendo Poemas

• ANTOLOGIA NACIONAL •

2026

VOLUME
XI

ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores
Obra protegida por direitos autorais
Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura
ISBN: 978-65-02-24497-5
2026
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

A CANÇÃO DO TEMPO E DO AMOR, POR ACARLOS MISAWA, PÁG. 05	05
QUANDO O AMOR ENSINA A VOAR, POR ADRIANO ROSA DA SILVA, PÁG. 08	08
EXTINÇÃO PESSOAL, POR ANA CAROLINA MAGALDI CAPUANO, PÁG. 13	13
TORMENTA, POR ANA CAROLINA MAGALDI CAPUANO, PÁG. 15	15
DOMINGO À TARDE, POR ANA CAROLINA MAGALDI CAPUANO, PÁG. 18	18
EM SÃO PAULO, POR BRENDA DE CAMPOS QUIRINO TEIXEIRA, PÁG. 21	21
AS COISAS QUE PERMANECEM, POR CÉLIA LOPES, PÁG. 24	24
SILÊNCIOS DA ALMA, POR CÉLIA LOPES, PÁG. 26	26
LUZES NO COTIDIANO, POR CÉLIA LOPES, PÁG. 28	28
MULHERES QUE FLORESCEM DEPOIS DA DOR, POR CÉLIA LOPES, PÁG. 30	30
JANELAS ABERTAS, POR CÉLIA LOPES, PÁG. 32	32
A ÚLTIMA VEZ QUE CHOREI, POR DÉBORA CAMILA BRASIL, PÁG. 34	34
QUANTO TEMPO TEM O TEMPO?, POR DÉBORA CAMILA BRASIL, PÁG. 36	36
DIÁLOGO DAS ESTAÇÕES, POR DÉBORA CAMILA BRASIL, PÁG. 39	39
AMOR PLATÔNICO, POR EDNA TOMAZ, PÁG. 42	42
A DOZE PASSOS DO INFERNO, POR EDNA TOMAZ, PÁG. 44	44
O PASTORINHO, POR ERIKA CAROLINE DE OLIVEIRA CAVALCANTI, PÁG. 47	47
O NAVEGANTE, POR ERIKA CAROLINE DE OLIVEIRA CAVALCANTI, PÁG. 52	52
PONDERAÇÃO, POR FRANCINALVA MUNIZ, PÁG. 57	57
SE NÃO FOR FICAR, ME AVISA, POR GEOVANNE FERREIRA, PÁG. 60	60
A DEPENDÊNCIA, POR GEOVANNE FERREIRA, PÁG. 62	62
DEUS É A FORÇA DO RECOMEÇO..., POR IOLANDA ALENCAR DE BRITO, PÁG. 64	64
ÀS MARGENS DE UM RIO, POR JEANNE CRISTINA, PÁG. 68	68
VERSOS DE UM BORDADO, POR LÚCIA PAULINO, PÁG. 70	70
O PESO DA SOMBA, POR LUCILEIDE DE FÁTIMA BUENO FELDHAUS, PÁG. 72	72
O PESO DA ÁGUA, POR LUCILEIDE DE FÁTIMA BUENO FELDHAUS, PÁG. 75	75
O SILÊNCIO DAS COISAS QUEBRADAS, POR LUCILEIDE DE FÁTIMA BUENO FELDHAUS, PÁG. 78	78
NOMES ÓRFÃOS, POR LUCILEIDE DE FÁTIMA BUENO FELDHAUS, PÁG. 82	82
PÓRTICO VERDE, POR LUCILEIDE DE FÁTIMA BUENO FELDHAUS, PÁG. 86	86
POESIA, POR MÁRCIA ELIZA REZENDE DIAS, PÁG. 89	89
TANTAS GUERRAS, POR MARCO ANTÔNIO BRUNIALTI, PÁG. 92	92
A FORÇA DE UM SORRISO, POR MARILU F QUEIROZ, PÁG. 94	94
O TECIDO, POR PEDRO HENRIQUE FERREIRA PASSOS, PÁG. 96	96
O BELO DE CADA UM, POR SELMA LUANNY, PÁG. 98	98
SÓ, POR SELMA LUANNY, PÁG. 100	100
VIAGEM AO TÉDIO, POR VALDIR ARAGÃO DO NASCIMENTO, PÁG. 102	102
HORA ABERTA, POR VALDIR ARAGÃO DO NASCIMENTO, PÁG. 104	104
DESPEDIDA, POR VALDIR ARAGÃO DO NASCIMENTO, PÁG. 106	106
COISA ESTRANHA, POR VALDIR ARAGÃO DO NASCIMENTO, PÁG. 108	108
AMOR QUE SE FAZ, POR YOUSSEF BOUGUERRA, PÁG. 110	110
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 113	113

The background of the cover is decorated with several stylized, minimalist line drawings of human faces. These drawings are scattered around the central text, with some faces partially visible at the edges and others more centrally located. The lines are thick and expressive, giving the drawings a sketchy, artistic feel. The faces vary in orientation, with some looking forward and others in profile.

**ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR**

Feccendo Poemas

**ANTOLOGIA NACIONAL
2026**

**VOLUME
XI**



Apresentamos

A CANÇÃO DO TEMPO E DO AMOR

POR ACARLOS MISAWA

A Carlos Misawa é autor de 08 livros, Membro da Académie de Luminescence Française (Paris-França), da Associação Internacional de Escritores e Artistas – LITERARTE, Academia Brasileira de História e Literatura - ABHL e da Associação das Letras. Escritor apaixonado pela literatura brasileira, alma humana e seus mistérios. Traduzo em palavras a complexidade da vida, unindo sensibilidade, profundidade e propósito. Autor de seis livros e participante de mais de 45 antologias nacionais e internacionais, busco tocar, provocar reflexão e despertar consciência. Instagram @ACarlosMisawa



**ANTOLOGIA NACIONAL
2026**

No ouro sereno do fim da tarde,
quando o sol se inclinava no horizonte,
a brisa bordava canções antigas
sobre os caminhos além do monte,
e a alma, em silêncio, escutava.

Nas páginas gastas de um velho livro,
dormiam memórias de outro verão,
cartas guardadas, flores secas,
promessas escritas pela emoção,
que o tempo jamais apagou.

O vento folheava lembranças esquecidas,
como quem desperta um jardim adormecido.
Risos distantes voltavam suaves,
trazendo à luz o que fora vivido,
num eco de eterna ternura.

Vieram os dias e suas tormentas,
vieram ausências, partidas e espera.
Mas certos afetos criam raízes profundas
e resistem ao rigor das estações severas,
florescendo além da saudade.

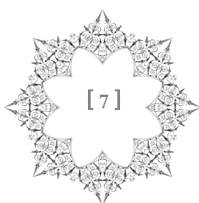
Então um nome surgiu entre as folhas,
escrito em tinta já quase apagada.
E o coração, que julgava tranquilo,
sentiu novamente a chama guardada,
renascer como luz na manhã.

O crepúsculo vestiu-se de beleza,
e o céu derramou seus últimos clarões.

A vida parecia suspensa no tempo,
unindo passado e presente em canções,
como um rio encontrando o mar.

E foi então que a alma compreendeu
que o amor não conhece despedidas.
Ele apenas repousa entre as horas,
aguardando o instante das reencontradas vidas,
para voltar a florescer.

Desde então, cada pôr do sol traz consigo
a melodia secreta da eternidade:
o tempo passa, os dias seguem,
mas permanecem o amor e a verdade,
cantando dentro do coração.





Apresentamos

QUANDO O AMOR ENSINA A VOAR

POR ADRIANO ROSA DA SILVA

Mestre e doutorando em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Mestrando em Educação pela Universidade de Lisboa (ULisboa). Licenciado em História e em Pedagogia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Especialização em Gestão Escolar pela Universidade de São Paulo (USP), em Neurociências Aplicadas à Aprendizagem pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e em Psicopedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Formação em Arte-Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). URL Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7228184007145445>.



**ANTOLOGIA NACIONAL
2026**



Há um jardim onde o saber floresce,
e o sonho, de repente, acontece,
não há distância entre quem vai ensinar,
nem entre aquele que deseja sonhar.

É no encontro de olhares sinceros,
nos gestos simples e ternos
que nasce a palavra capaz de tocar
o coração disposto a transbordar.

Ensinar é semear com delicadeza,
regar com respeito, colher a beleza,
é ver na diferença um novo horizonte,
um rio de saber que jorra da fonte.

Professor e aluno na mesma jornada,
seguem caminhos, dividem a estrada,
levando perguntas, trazendo inspiração,
e ambos descobrem a mesma canção.

Não há ensino que exclua o afeto,
nem conhecimento que desabrocha incompleto.
Quem dialoga, pergunta e constrói
faz nascer um futuro que jamais se destrói.

Pois é no afeto que a vida se revela,
como o orvalho beijando a manhã,
cada consoante e vogal, cada palavra semeada
faz nascer um novo amanhã.

Quem aprende cria asas,
abre janelas, ilumina moradas,

faz da curiosidade o próprio farol,
e encontra na esperança o brilho do sol.

Assim não existe inverno para o coração,
quando o amor faz da liberdade sua razão.

E o saber desponta feito primavera,
pintando de sonhos a doída espera.

O mestre não domina, acompanha.
Não impõe caminhos, não inventa artimanha.
Quando escuta, aprende e também se permite
descobrir novos mundos em cada convite.

Cada cultura é um verso diferente,
cada história, um poema independente,
e toda palavra, quando faz sentido,
transforma o simples em infinito.

Quando a palavra encontra escuta,
o pensamento aprende a florir,
cada pergunta torna-se ponte
para outros mundos descobrir.

Mas não basta decorar sons e palavras,
se a vida permanece sem respostas claras.
É preciso sentir o que cada som diz,
para que o saber crie profunda raiz.

Pensar é navegar por mares incertos,
desconstruir verdades, regar desertos.
É deste modo, ensinando e aprendendo,
Que o pensar se faz em constante crescimento.

Aprender é assumir a direção,
é reconstruir a própria canção,
é descobrir que ensinar é ver florescer,
e que viver é um eterno aprender.

Se o amor conduz cada caminho,
não há saber que viva sozinho.
Na amorosidade mora a esperança,
na liberdade floresce a confiança.

Ensinar é um gesto de encontro,
é repartir sem nada perder,
pois quem cultiva o amor no caminho
também aprende a amadurecer.

Que a escola seja abrigo e alvorada,
uma ponte de mãos entrelaçadas.
que o saber encontre seu verdadeiro valor
quando for guiado pela força do amor.

Pois educar é tocar o invisível,
transformar o comum em inesquecível.
É fazer do outro um ser mais inteiro,
livre para escrever o próprio roteiro.

A autonomia é um jardim secreto,
que nasce no íntimo, discreto.
Onde palavras soltas ganham forma e sentido
enchendo de significado o trajeto vivido.

E quando a palavra encontra a emoção,
o conhecimento deixa de ser lição,
torna-se vida, torna-se luz,

torna-se caminho que a esperança conduz.

Assim seguem mestre e aprendiz,
um ensinando o outro, com apagador e giz.

Quem educa jamais está só,
pois cada encontro desata um novo nó.

E no compasso doce da existência,
entre o afeto, o saber e a consciência,
descobre-se que o maior ensinamento
é fazer do amor o eterno fundamento.





Apresentamos

EXTINÇÃO PESSOAL

POR ANA CAROLINA MAGALDI CAPUANO

Ana Carolina Magaldi Capuano é médica e atua há vários anos em Cuidados Paliativos. Entre a medicina e a poesia, encontra na palavra uma forma de escuta, elaboração e resistência. Seus textos percorrem memórias afetivas, angústias contemporâneas, dilemas bioéticos e a delicadeza da existência humana. Escreve a partir do cuidado, da vulnerabilidade e da tentativa de dar linguagem ao que pulsa, fere, acolhe e permanece.



**ANTOLOGIA NACIONAL
2026**

Estou em extinção...
como a rolinha-do-olho-azul
que — no abrigo do cerrado —
já não encontra mais proteção.

Da carpina ao boi rendido.
Do milharal tombado direto ao prato.
Ao fogo cruzado!

Cerrado desmatado
máquina insone,
Ocupa lugar do justo e pobre
Que tem fome e cansaço
Fraqueja frente ao soláço
Esvaziando...

Luto com forças para existir. Resistir.
Me reinventar.
Como ave rara presa na memória,
que — por sorte do destino — volte a voar.





Apresentamos

TORMENTA

POR ANA CAROLINA MAGALDI CAPUANO

Ana Carolina Magaldi Capuano é médica e atua há vários anos em Cuidados Paliativos. Entre a medicina e a poesia, encontra na palavra uma forma de escuta, elaboração e resistência. Seus textos percorrem memórias afetivas, angústias contemporâneas, dilemas bioéticos e a delicadeza da existência humana. Escreve a partir do cuidado, da vulnerabilidade e da tentativa de dar linguagem ao que pulsa, fere, acolhe e permanece.



**ANTOLOGIA NACIONAL
2026**



Há escuridão,
nuvem cinza carregada,
tormenta que não para.

Tamanha sofreguidão,
avidez pelo imediato,
alívio raso.

Ilusão para a mente,
ofusca o olhar interior,
encobre a trilha da retidão,
impede a travessia
do caos à construção.

Entorpece o sintoma,
dissimula a doença,
fortalece a compulsão.

Utilizo um subterfúgio,
uma falsa alegria,
que me dá aparente disposição.

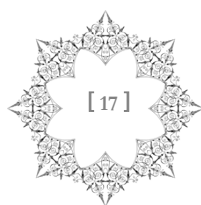
Rio caudaloso
que, na cabeça d'água,
transborda e tudo arrasta.

Tornado violento,
draga ao centro
força e intenção.

Me sinto assim:
verdadeiro carcereiro
da minha própria prisão.

Quero em solo pousar,
neblina se dissipar,
chuva cessar,
esperança reanimar.

Que após a longa tormenta
encontre enfim direção;
não a ausência da tempestade,
mas paz no próprio coração.





Apresentamos

DOMINGO À TARDE

POR ANA CAROLINA MAGALDI CAPUANO

Ana Carolina Magaldi Capuano é médica e atua há vários anos em Cuidados Paliativos. Entre a medicina e a poesia, encontra na palavra uma forma de escuta, elaboração e resistência. Seus textos percorrem memórias afetivas, angústias contemporâneas, dilemas bioéticos e a delicadeza da existência humana. Escreve a partir do cuidado, da vulnerabilidade e da tentativa de dar linguagem ao que pulsa, fere, acolhe e permanece.




**ANTOLOGIA NACIONAL
2026**

O crepúsculo dominical
irrompe melancólico,
nostálgico —
escancara o baú de Pandora.

Dores de outrora
ganham presença intensa,
como ferida recém-aberta
expurgando sangue quente, pungente.

Pensamentos entrelaçados,
sentimentos acelerados.
Culpa. Abandono.

Cai sobre mim
o pesar do mundo.
Peso de ser adulto.

Adulto com paranoias,
contas e deveres —
muitos vindos de outrora.

Sufoco-me.
Falta-me o ar.
Suplico moratória
antes de desvairar.

Então...

Lembro-me da infância.
Mais precisamente
da casa da minha avó.

Macarrão.

Bolinhos de queijo e salame.

Carne na panela.

E struffoli.

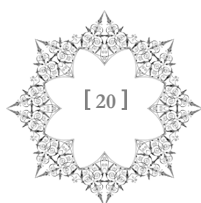
Ah... o struffoli.

Pequenos pedaços de massa,
crocantes por fora,
macios por dentro,
banhados no mais lustroso mel.

Sim, meus leitores:
um verdadeiro pedaço do céu.

Lembro-me do carinho,
do zelo servido à mesa
e lentamente degustado no Natal.

E percebo,
num domingo qualquer,
que às vezes sobrevivemos
Tentando sentir o cheiro
Numa cozinha que já não existe mais





Apresentamos

EM SÃO PAULO

POR BRENDA DE CAMPOS QUIRINO TEIXEIRA

Brenda é estudante de Psicologia, nascida e criada em Campinas, uma metrópole do interior de São Paulo. Encontra na escrita de poemas uma forma de se afastar um pouco do mundo digital e exercitar a criatividade, valorizando hábitos que contribuem para a saúde mental e o bem-estar emocional.



**ANTOLOGIA NACIONAL
2026**



Que vida triste
Para quem falta amor,
Quem que resiste
Quando há dissabor?

Quando vi meus pais
Pela última vez?
Há dez anos ou mais,
Mas parece um mês.

Mamãe disse chorando
- Minha filha, vamos voltar,
Estaremos em São Paulo trabalhando
Para poder te sustentar.

Aqui no sertão,
Falta água para abastecer,
Mas foi na inundação
Que vieram morrer.

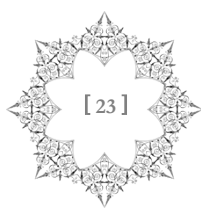
O dinheiro que conquistaram
Em São Paulo, a água levou,
Os móveis que sobraram
Um ladrão roubou.

Ficou na lembrança
O sorriso, o abraço,
Minha mãe fazendo trança
Papai colocando o laço.

Deixaram o sertão
Pela promessa da cidade

Mas foi a inundação
Que causou orfandade.

A saudade que sinto
Nunca vai secar,
Apesar do luto insisto,
Sempre vou lhes honrar.





Apresentamos

AS COISAS QUE PERMANECEM

POR CÉLIA LOPES

Célia Lopes é escritora, poeta e historiadora. Sua escrita transita entre a sensibilidade humana, os silêncios da alma, a espiritualidade e os afetos cotidianos. Participa de projetos literários e antologias, desenvolvendo textos marcados pela reflexão, delicadeza e profundidade emocional. Acredita na literatura como espaço de memória, esperança e permanência.



**ANTOLOGIA NACIONAL
2026**



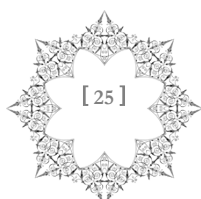
Nem tudo o tempo leva.

Há memórias que permanecem
como perfume antigo
esquecido entre páginas amareladas.

Certas ausências continuam vivendo
em pequenas coisas:
uma cadeira vazia,
o silêncio da casa,
o cheiro do café ao amanhecer.

As pessoas partem,
mas algo delas
permanece respirando dentro da memória.

Talvez amar seja isso:
continuar habitando
lugares invisíveis
mesmo depois da despedida.





Apresentamos

SILÊNCIOS DA ALMA

POR CÉLIA LOPES

Célia Lopes é escritora, poeta e historiadora. Sua escrita transita entre a sensibilidade humana, os silêncios da alma, a espiritualidade e os afetos cotidianos. Participa de projetos literários e antologias, desenvolvendo textos marcados pela reflexão, delicadeza e profundidade emocional. Acredita na literatura como espaço de memória, esperança e permanência.



**ANTOLOGIA NACIONAL
2026**



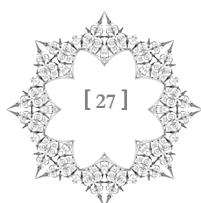
Existem silêncios
que não ferem.

Eles apenas repousam
sobre a alma cansada
como quem compreende
o peso das palavras nunca ditas.

Nem toda dor grita.

Algumas apenas se recolhem
dentro do coração
esperando que o tempo
aprenda a tocar com delicadeza.

E talvez Deus fale assim:
na pausa,
na quietude,
na calma que permanece
quando o mundo inteiro faz barulho.





Apresentamos

LUZES NO COTIDIANO

POR CÉLIA LOPES

Célia Lopes é escritora, poeta e historiadora. Sua escrita transita entre a sensibilidade humana, os silêncios da alma, a espiritualidade e os afetos cotidianos. Participa de projetos literários e antologias, desenvolvendo textos marcados pela reflexão, delicadeza e profundidade emocional. Acredita na literatura como espaço de memória, esperança e permanência.



**ANTOLOGIA NACIONAL
2026**

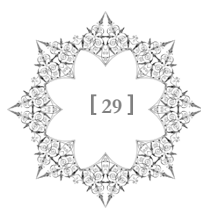
Há luzes discretas
espalhadas pelos dias comuns.

Elas vivem no abraço sincero,
na gentileza inesperada,
na mão que ampara
sem pedir reconhecimento.

O mundo anda cansado
de excessos
e escassez de humanidade.

Ainda assim,
algumas pessoas continuam sendo abrigo.

E são elas
que impedem a esperança
de desaparecer completamente.





Apresentamos

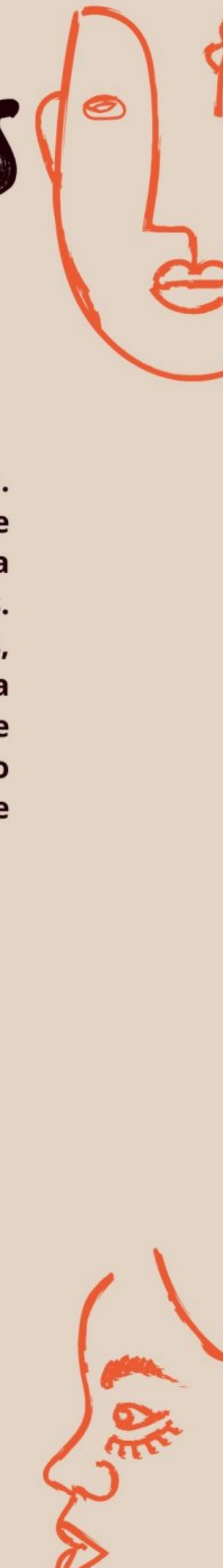
MULHERES QUE FLORESCEM DEPOIS DA DOR

POR CÉLIA LOPES

Célia Lopes é escritora, poeta e historiadora. Sua escrita transita entre a sensibilidade humana, os silêncios da alma, a espiritualidade e os afetos cotidianos. Participa de projetos literários e antologias, desenvolvendo textos marcados pela reflexão, delicadeza e profundidade emocional. Acredita na literatura como espaço de memória, esperança e permanência.



**ANTOLOGIA NACIONAL
2026**



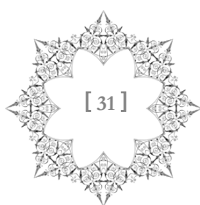
Há mulheres
que aprendem a sobreviver
antes mesmo de aprenderem a descansar.

Carregam silêncios,
ausências,
despedidas
e ainda assim continuam.

Não porque não sintam,
mas porque descobriram
que a força também nasce da ferida.

E depois de tantas tempestades,
florescem.

Não como quem esqueceu a dor,
mas como quem transformou cicatrizes
em coragem.





Apresentamos

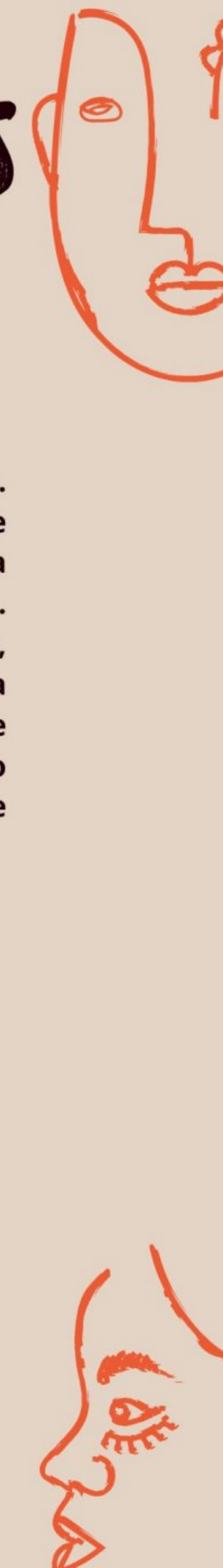
JANELAS ABERTAS

POR CÉLIA LOPES

Célia Lopes é escritora, poeta e historiadora. Sua escrita transita entre a sensibilidade humana, os silêncios da alma, a espiritualidade e os afetos cotidianos. Participa de projetos literários e antologias, desenvolvendo textos marcados pela reflexão, delicadeza e profundidade emocional. Acredita na literatura como espaço de memória, esperança e permanência.



**ANTOLOGIA NACIONAL
2026**



Enquanto a cidade dorme,
algumas janelas permanecem acesas.

São almas tentando reorganizar
os próprios pedaços
na madrugada silenciosa.

Há quem chore escondido,
quem reze baixinho,
quem apenas tente resistir
a mais um dia difícil.

As luzes espalhadas na escuridão
parecem lembrar
que ninguém luta sozinho.

E talvez a esperança seja isso:
uma pequena janela aberta
quando tudo parece escuro demais.





Apresentamos

A ÚLTIMA VEZ QUE CHOREI

POR DÉBORA CAMILA BRASIL

Nascida em Belém/PA, criada em Brasília/DF, tem 44 anos, é Servidora Pública Federal. Amante de todas as expressões artísticas, dedicada à Leitura, à Escrita, aos Animais e às Plantas. Taróloga, oraculista, sensitiva, também se dedica ao estudo da Astrologia, Quiromancia e Runas Nórdicas.



**ANTOLOGIA NACIONAL
2026**

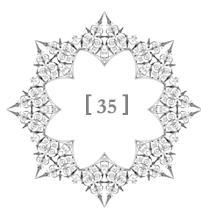


O que calou tinha som
O que parou tinha movimento
Dentro de mim, um barulho ensurdecedor
Um turbilhão de sensações
Meu coração parou por um momento

Lágrimas caindo
Não conseguia controlar
Aquele teu olhar
Outrora, cura
Envenenou-me sem dó
Reduzindo-me ao pó

Meu coração pulsava nas batidas do teu
O adeus doeu
Doeu, um tanto, que fez nó
De repente, me vi tão só
Silêncio fazendo barulho em todo lugar
Era a tua ausência ou a minha alma a vagar?

Resposta ainda não encontrei
Mas sei que, daquele dia em diante, eu nunca mais chorei
Revivi, renasci e entendi
Que havia mais força em mim
Do que imaginava ter
Da dor, fiz versos
Da solidão, abrigo
É, meu caro, a tua presença que era o perigo





Apresentamos

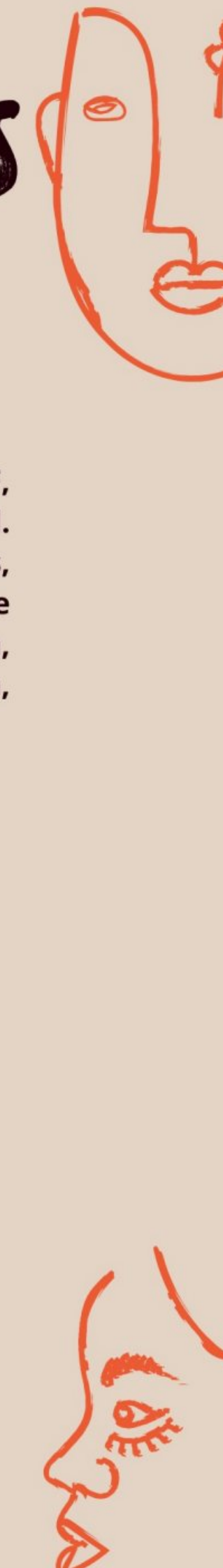
QUANTO TEMPO TEM O TEMPO?

POR DÉBORA CAMILA BRASIL

Nascida em Belém/PA, criada em Brasília/DF, tem 44 anos, é Servidora Pública Federal. Amante de todas as expressões artísticas, dedicada à Leitura, à Escrita, aos Animais e às Plantas. Taróloga, oraculista, sensitiva, também se dedica ao estudo da Astrologia, Quiromancia e Runas Nórdicas.



**ANTOLOGIA NACIONAL
2026**



Quanto tempo mora em um minuto?
O matemático responde apressado:
— Sessenta segundos exatos!
Mas eu, poeta, desminto os fatos:
em um minuto cabem silêncios profundos,
lembranças mordendo retratos,
e um coração atravessando mundos.

Quantas horas existem num dia?
Os físicos dirão: vinte e quatro.
Mas eu conheço madrugadas vazias
que duram mais que anos inteiros no quarto.

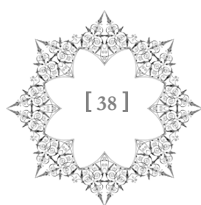
Há noites em que o relógio respira lento,
tic-tac ferindo a parede,
e o tempo, cruel e sonolento,
senta comigo para matar a sede.

Há quanto tempo não te vejo?
Perdi a conta desde o último adeus.
Talvez tenha sido um beijo.
Talvez um naufrágio entre os olhos teus.

Para quem parte, o tempo dispara
feito trem sumindo na estação.
Mas quem espera aprende na marra
o peso imóvel da solidão.

Porque esperar é congelar instantes,
é ver a fumaça do café subir,
é ouvir passos imaginários distantes
e, mesmo sem esperança, insistir.

O tempo passa para quem esquece.
Para quem ama, ele permanece
parado entre a porta e a janela.
E eu aqui, imóvel sentinela,
contando luas pela vidraça,
enquanto o mundo inteiro avança
e no meu relógio a hora não passa.





Apresentamos

DIÁLOGO DAS ESTAÇÕES

POR DÉBORA CAMILA BRASIL

Nascida em Belém/PA, criada em Brasília/DF, tem 44 anos, é Servidora Pública Federal. Amante de todas as expressões artísticas, dedicada à Leitura, à Escrita, aos Animais e às Plantas. Taróloga, oraculista, sensitiva, também se dedica ao estudo da Astrologia, Quiromancia e Runas Nórdicas.

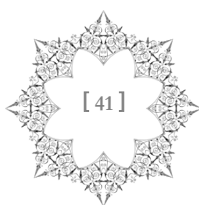


**ANTOLOGIA NACIONAL
2026**



Vem cá, me diz
Você sempre foi assim
Ou é coisa de agora?
Não...
É só no verão.
O calor pesa nos ombros
Gruda na pele
E a paciência evapora
— Sério?
— Sério. Nem tenta discutir.
E você,
Qual estação te desmonta bonito?
Aquele que chega e se faz infinito?
Inverno.
O frio que toca devagar,
Que silencia o excesso,
Que congela o caos
E deixa só o essencial.
E do outono, você gosta?
Ah, o outono me entende!
Ventania no rosto,
Folhas partindo sem drama,
Um céu que se rende...
Colhemos o que ficou,
Guardamos o que o vento não levou
Aceitamos que nem tudo floresce
E, ainda assim, seguimos
E então vem a primavera
Tudo renasce!
Quase sem aviso
Brotando nos cantos esquecidos
Trazendo cor onde era cinza

Flores que não pedem licença,
Recomeços tímidos, mas vivos,
Que renovam a crença:
Ainda há tempo.
Ao final, concorda comigo?
O ciclo se repete
A gente também floresce
Mesmo sem saber como,
Mesmo sem entender por quê
É a primavera dizendo:
Receba este ramalhete
Eis o nosso presente!





Apresentamos

AMOR PLATÔNICO

POR EDNA TOMAZ

Nascida em São Paulo em 11 de novembro de 1970, filha de pais norte-mineiros. Sua história com o magistério começou cedo, concluindo a formação técnica em 1988. Pouco depois, aos 21 anos, uniu-se em matrimônio com um companheiro paraibano, com quem construiu sua família. Desafios e o orgulho de criar dois filhos: um jovem de 33 anos, hoje cidadão atuante na sociedade, e uma jovem de 27 anos, a quem acompanha com amor e resiliência diante do diagnóstico de esquizofrenia. O desejo de evolução constante a levaram de volta aos bancos acadêmicos, conquistando a graduação em Pedagogia por volta dos 40 anos, pós-graduação aos 50 — uma prova de que nunca é tarde para buscar o conhecimento. Consolidou sua carreira no estado de Minas Gerais, onde atualmente é efetiva no cargo de Regente de Turma dos Anos Iniciais, atuando com afinco na biblioteca de uma escola estadual e aguarda a aposentadoria após mais de 30 anos de serviço na secretaria de escola. Ela volta os olhos e o coração para novos horizontes. Produzir e publicar textos tornaram-se seus sonhos mais constantes, transformando a vivência de uma vida inteira em combustível para a escrita e a literatura.



ANTOLOGIA NACIONAL
2026



Um girassol desponta
E apronta um alvoroço
Buchichos no pátio
Ergue-se como um colosso

Amarelo brilha de estontear
E o burburinho no pátio a rolar
Nasceu só para me cuidar
Girassol, é sina te amar?

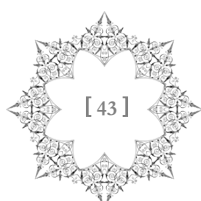
O girassol parece adivinhar
Firma longamente a me olhar
Agonia desalinha e desafia
Incerteza de mais um dia girar

Te acesso por telepatia
Chama ardente que gela
Raio ilumina e dilacera
Marco como fotografia

O girassol girou triunfal
Brinca de faz-de-conta
Para pular o muro é só cismar
Mania de me espiar

Saudade aperta de matar
Lá brilha mais que o sol
Ofusca o meu olhar
Partir é sinônimo de chorar?

Girassol, volto cá de tardezinha
Atrás do muro te avistar
Fio dourado que amarra
Chamas gêmeas eternizar





Apresentamos

A DOZE PASSOS DO INFERNO

POR EDNA TOMAZ

Nascida em São Paulo em 11 de novembro de 1970, filha de pais norte-mineiros. Sua história com o magistério começou cedo, concluindo a formação técnica em 1988. Pouco depois, aos 21 anos, uniu-se em matrimônio com um companheiro paraibano, com quem construiu sua família. Desafios e o orgulho de criar dois filhos: um jovem de 33 anos, hoje cidadão atuante na sociedade, e uma jovem de 27 anos, a quem acompanha com amor e resiliência diante do diagnóstico de esquizofrenia. O desejo de evolução constante a levaram de volta aos bancos acadêmicos, conquistando a graduação em Pedagogia por volta dos 40 anos, pós-graduação aos 50 — uma prova de que nunca é tarde para buscar o conhecimento. Consolidou sua carreira no estado de Minas Gerais, onde atualmente é efetiva no cargo de Regente de Turma dos Anos Iniciais, atuando com afinco na biblioteca de uma escola estadual e aguarda a aposentadoria após mais de 30 anos de serviço na secretaria de escola. Ela volta os olhos e o coração para novos horizontes. Produzir e publicar textos tornaram-se seus sonhos mais constantes, transformando a vivência de uma vida inteira em combustível para a escrita e a literatura.



**ANTOLOGIA NACIONAL
2026**



Nas sombras de um imenso e antigo casarão,
Janelas grandes olham toda a multidão.
O espaço lembra a corte, um fórum de terror,
Onde a plateia escuta o réu em seu clamor.

Um homem muito sério, severo em seu altar,
Parece o próprio Deus no trono a julgar.
A sua voz decreta a última sentença,
E o medo me domina em meio à dor imensa.

Insegurança e angústia invadem o meu ser,
Mas sei que não sou má para assim perecer.
O autojulgamento tenta me isentar,
Dizendo que o perdão ainda vai chegar.

Segundos que parecem um longo filme atrás,
Aonde a cobrança me tira toda a paz.
O decreto do homem, imponente e mortal,
Sem ter uma defesa contra o golpe final.

Ele fitou meus olhos e veio em minha direção,
Gelei por inteiro na pior rotação.
Com passos bem certos, parou para dizer:
"Seu coração é ruim, nada vai te valer."

O medo e a tristeza vieram me assombrar,
Pois minhas qualidades tentavam me salvar.
Mas lá você é lida em fina ressonância,
Apenas com o olhar que mede a relevância.

Aquele olhar terrível que dita o fim eterno,
Que bate o martelo entre o Céu e o Inferno.

Como um pacote de lixo, sem dó nem compaixão,
Ele me atirou pela janela do casarão.

Triste, desolada, caí na solidão,
Mero engano em queda, direto para o chão.
Ao procurar refúgio, no susto que me resta,
Notei que a janela não era o fim da festa.

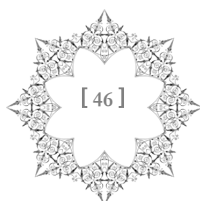
A doze passos dali, o horror continuou,
Gente amarelada e raivosa me cercou.
Orelhas pontiagudas, ninguém me aceitava,
Acuada no escuro, o bando me batia.

Mantive a distância de seis passos dali,
Daqueles tão perversos que nojentos vi.
Eles me encaravam e o peito congelou,
Senti que meu destino de vez se selou.

Escureceu tão rápido quanto o meu coração,
Fugi desesperada, buscando salvação.
Corajosa e sem rumo, no mato me escondi,
Num caminho escuro, o alívio que senti.

Um anjo surgiu e me deu a instrução,
Apontando a rota para a direção:
O clarão de luz ou fogo no horizonte,
Achei que era a vitória brilhando na frente.

A doce esperança durou bem pouco tempo,
Vi pessoas acuidas num cruel lamento.
Tentei me esconder na névoa que seduz...
Dois algozes me pegaram. E acordei na luz.





Apresentamos

O PASTORINHO

POR ERIKA CAROLINE DE OLIVEIRA CAVALCANTI

Graduada em Pedagogia, Especialista e Mestre em Educação, Neuropsicopedagoga e Doutora em Ciências da Linguagem, atuou como docente da Educação Básica ao Ensino Superior, e como coordenadora pedagógica e administrativa em escola pública, além de voluntária em escola filantrópica e em função administrativa em setores públicos municipal e federal. Apaixonada por histórias, assídua leitora e cinéfila, desde criança rascunha ideias literárias. Pedagoga pelo Estado de Pernambuco, atua como Analista em Gestão Educacional, além de parecerista e autora acadêmica, membro de grupo do CNPq e grupo literário de sua cidade natal.



ANTOLOGIA NACIONAL
2026



Na estrada dos tijolos sem cor
Os pastorinhos amigos caminhavam em perfeita direção
O nascer do sol guiava a estrada
E no suave calor trabalhavam como irmãos.

Ao atravessarem os cercados rumo aos campos
Avistaram um grupo incomum
Que reunido estava a cochichar
E com um lance de olhar desmereceu um por um.

Um dos pastorinhos se afastou
E o outro sozinho ficou
Porque em sua ingenuidade não entendeu
Que por manipulação de um tutor seu
Sua presença mal vista restou.

Aquele grupo seguiu outra estrada
Menos um deles que lhe deu atenção
Pois, sem entender tamanha repercussão
OuvIU o pastorinho em sua alegre saudação.

Mas, logo que pôde saiu a pedido dos outros
E deixou constrangido o pobre pastorinho
Que, então, havia sentido toda a rejeição
Pela simples liberdade de ter dito um não
Em singela compreensão de querer recomeçar
E não atender aos anseios de toda uma ambição.

Seguiu para seu rebanho que pequenino era
E sozinho a pensar, viu-se a derramar lágrimas em terra
Como ovelha unia-se às suas protegidas
Que ao contrário dele não estavam feridas.

A traição que sentiu
Por preservar o pouco que tinha
E seguir com os próprios passos
Desnorteou o pastorinho
Não mais era aceito
Até seu amigo não comentou
Não se envolveu, e em silêncio ficou.

O pastorinho decepcionado
Preferiu sozinho continuar
Já não sentia confiança em ninguém
A todos começou a julgar:
Todos falavam contra ele
Ninguém o ouvia ou considerava
Viravam as costas todas as vezes
Como lobos em peles de cordeiro desdenhavam
E tudo o descredibilizava.

Com tanta confusão, sem saber o que fazer
E por quase suas ovelhas deixar e esquecer
Resolveu falar com o tutor que espalhou a maledicência
De vil desejo querendo vê-lo perecer
Por não ter tido seu trabalho em absurda obediência.

O pastorinho não conseguiu conversar
Tentou perguntar, ouvir, não julgar
Mas, foi escorraçado com duras palavras e um olhar
Tudo por não querer com eles continuar.

Por fim entendeu que sem mesmo provocar
Essa situação tristemente sucedeu
E era tão alvo de desdém e condenação

Que o pobre quase emudeceu.

As ovelhas atendem a voz de seu pastor

Mas, sem direção

Perdiam-se de seu protetor

O pastorinho precisava recomeçar

E suas ovelhinhas de volta chamar.

Aos poucos seu propósito tornou-se uma missão:

Se só nos problemas pensasse, perderia tudo em vão.

Forças ainda sentia, e mesmo sem espaço e lugar

Buscou outros nortes para, por bem, continuar.

Com muita dificuldade encontrou

Novos campos longe do mal que o mirou

Que o acertou, afetou, perturbou

Mas, não venceu porque ele não desanimou.

Olhou para o céu quando só para baixo se colocou

E percebeu que o sol é muito maior do que considerou

Aquela Luz o alcançaria aonde quer que fosse

E sem mais danos caminharia, sem o que tal armadilha lhe trouxe.

Longe dos “venenos” espalhados

Que poderiam afetar seu bem mais precioso

Guiou seu amor singelo para calmos pastos

A fim de crescer sob a Luz do renovo.

Com os códigos da Natureza

Descobriu o valor da paz que espera

Sua parte fazia ao continuar seu trabalho

Aguardando o dia em que a verdade prospera, sem mais enfado

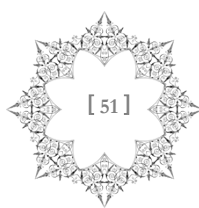
Pois nos códigos sociais

As injustiças ainda imperam
Embora não se sustentem
Muitos danos reverberam.

Quando ainda buscava tudo aquilo entender
Antes de afastar-se
Procurava um olhar que o chamasse
E como não encontrasse
Percebia só um esquecer...
O lúdico de seu coração
Só encontrava solidão
Até cansar e reunir ânimo para um recomeço
Que assim como a força de um trovão na chuva que assusta
Ensina que o “caminhar” é uma estranha e misteriosa busca.

A surpresa da vida quando se procura viver
É que na chuva que limpa o céu para o sol aparecer
Todo ciclo um dia é encerrado
E com ele todos os desmandos de um passado
Da aparente alegria para um novo e fortalecido legado.

O pastorinho encontrou a felicidade
Nunca mais falhou com suas ovelhinhas, bela amizade
Guardião tornou-se de mais do que esperava
Anotando seu saber, e seu tom nas mais lindas baladas
Que a todos encantava, e cuidava e ensinava
Sempre sob a Luz que jamais se apaga.





Apresentamos

O NAVEGANTE

POR ERIKA CAROLINE DE OLIVEIRA CAVALCANTI

Graduada em Pedagogia, Especialista e Mestre em Educação, Neuropsicopedagoga e Doutora em Ciências da Linguagem, atuou como docente da Educação Básica ao Ensino Superior, e como coordenadora pedagógica e administrativa em escola pública, além de voluntária em escola filantrópica e em função administrativa em setores públicos municipal e federal. Apaixonada por histórias, assídua leitora e cinéfila, desde criança rascunha ideias literárias. Pedagoga pelo Estado de Pernambuco, atua como Analista em Gestão Educacional, além de parecerista e autora acadêmica, membro de grupo do CNPq e grupo literário de sua cidade natal.



ANTOLOGIA NACIONAL
2026



No oceano vazio, onde as ondas erguiam a embarcação
Em um instante tudo poderia ter sido em vão
Com aquela viagem na contramão
Em que toda exposição estava baseada na razão
E o navegante viajava para cumprir mais uma missão.

No início ao buscar um lugar para ser, viver e divulgar
Acreditou encontrar o que seria um senão
Pois até então, em grande ilusão
Percebeu, tardiamente, o engano que viria na ira de um não:
“Não” por “falhar” - por não aceitar ou entender
“Não” por acertar e autenticamente ser
Por não mais se deixar enganar
(Na memória de seu caminhar
Trajetória final de um ciclo que na tempestade transformou um porquê).

Tudo parecia uma explicação
Sacrifício, vitória, vida em canção
Apesar das ondas da tribulação
O olhar atento para o dever era sua motivação.

Mas quem era aquele navegante?
Eis a questão?!
Alguém que sempre tentava
Com escasso alimento, desalento, solidão
Incompreensão da vida e tantos não!

Seu percurso começou quando saiu de casa
Em busca de dias que não encontrava
Quando o olhar de um cego o enxergou
E suas habilidades “capacitou” - vantagem tirou.

Para que seu coração sensível vislumbrasse
O que um dia vivesse e conquistasse
Com valor e esforço do que provou
O então aprendiz sem perceber, tantos desafios aceitou.

Mas sua ilusão ainda era permanente
Com seu mestre interesseiro que o enganava brandamente
Acreditava na vastidão do oceano iminente
Apresentado para seu caminho, um dia, independente
Com a condição daquilo que doava
E que acreditava ser o suficiente.

Pobre navegante!
Mesmo com tanto trabalho pela oportunidade recebida
Pelo impostor que sabia de sua capacidade
Não acreditava que havia tal falsidade
E de que se mudasse sua rota, não teria acolhida:
Sua vontade não seria uma verdade
Seu pagamento não seria o suficiente
Uma vez pertencente, teria que se tornar servo
Aí estava o perigo que há tanto era impendente
Pois nem toda oportunidade é uma crescente
Só quando há sensibilidade é que o coração enxerga
Aquilo que os olhos encobrem sem piedade e egoísmo deprimente.

Uma escolha o aprendiz precisou fazer
Deixar aquele porto para realmente crescer
Pois não adiantava uma escola para aprender
Quando mesmo trabalhando para seu agradecer
Dava o Norte para outros e via seu sonho perecer.

A saída foi dolorosa
Com quedas e mentiras de palavras contra, em polvorosa
O aprendiz teve que se tornar navegante por conta própria:
Encontrar outro porto que o recebesse
E o deixasse seguir sem impor ou o pôr à prova.

As navegações, desde então
Começaram com liberdade, mas na contramão
Com empecilhos da indiferença semeada pelo cego
Velejava sem mapas, sofria sem ego
Desnortado tentava pisar onde não havia chão
Pois terra firme ainda não era uma opção
Até entender a verdade da sabotagem
Que apesar de tudo
O impelia a não desistir e continuar com coragem.

Nobre navegante tentando desembarcar
Mas o perigo que vinha do buraco no mar
Não lhe deixava escolha para ultrapassar
Precisava apenas navegar
No risco e no cansaço que parecia nunca terminar
Buscava encontrar um novo lugar.

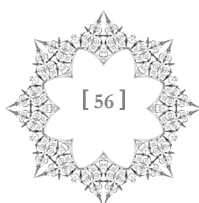
A cada porto, um vislumbre do novo
A cada pessoa, uma possível amizade
A cada trabalho, a superação de si tão moço
E a cada aprendizado, a esperança da realização com tão pouca idade.

Por muito tempo viveu em um laconismo
De muda expectativa frustrada
Com expressão de texto em sílabas
E olhar errante às paradas.

Em meio a ventanias de rumo incerto
Onde até o ar da maresia parecia incorreto
A vida do navegante explorou outros mares
E dos estereótipos a si lançados de “pobre aprendiz”
Superou e tornou-se, por fim, Capitão sob tantos olhares.

A vida foi um contínuo velejar
Com seu trabalhar e um autovalorizar
Visando um dia, a partir de uma margem
Viver em paz a contemplar o seu mar.

O tempo passou e formou esse experiente navegante
Que posicionando seu barco pelas condições do tempo
Direcionava-se bem, mareando novo rumo e intento
Em um percurso seguro e não mais vagueante.
Saiu do carretel de valores perdidos
Onde seu trabalho era jogado ao léu e seus sentimentos feridos
Para encontrar seu direito há muito negado
Entre trovões e calmarias, no porto, desembarcado
E ter finalmente sua vida viva e seu ser conquistado.





Apresentamos

PONDERAÇÃO

POR FRANCINALVA MUNIZ

Francinalva Alves de Sousa Muniz é Pedagoga, Escritora e Poetisa brasileira. Nascida em vinte e quatro de novembro de mil novecentos e setenta e cinco, em Pedreiras - MA, é admiradora das três gerações românticas e de suas diferentes características melancólicas, introspectivas e pessimistas - principalmente quanto aos temas do amor romântico, interrogações sobre a morte e o descontentamento das injustiças sociais. É membro da Academia Bacabalense de Letras, ocupando a cadeira nº 24, cujo patrono é o Prof. Matias Brito. Selecionada em antologias de poesias eróticas e românticas. É autora de Por Alguns Minutos, Eles, Mordomos do Mundo-Ecopoesias.

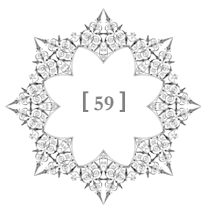


ANTOLOGIA NACIONAL
2026



O sol se põe
Devagar
A tarde se foi
Meu eu não se escondeu
A noite se prepara
Me encontra
Não sei se vou sorrir
Ou chorar
Ouço o cricrilar dos grilos
Penso
O silêncio é pouco
Tudo escureceu
Esta é a hora
Armar a rede e deitar
Pregar os olhos
Sonhar
A amanhã ressurgue
Tudo é claro
Os pássaros cantam no quintal
As plantas se renovam
Esperam a água
Querem vida
E a natureza
É bendita, bem dita, bonita
E o tempo passa
Outra vez tomo o café
Seu cheiro
Me transporta ao passado
E penso
Tudo é passível de mudança
Isto, sim, é permanente
Foi-se a infância

Seja o hoje novo
Seja o hoje velho
Da vida sempre quero
Ser vida sentida
Em tudo que expresso





Apresentamos

SE NÃO FOR FICAR, ME AVISA

POR GEOVANNE FERREIRA

Geovanne Ferreira é poeta e graduando em História pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Natural do interior do nordeste mineiro, encontrou na literatura, ainda na infância, um espaço de expressão, sensibilidade e permanência. Desde então, a leitura e a escrita atravessam sua trajetória, moldando sua relação com o mundo e com a arte. Suas influências transitam entre a introspecção de Clarice Lispector, a pluralidade poética de Fernando Pessoa e a estética melancólica e cinematográfica de Lana Del Rey.



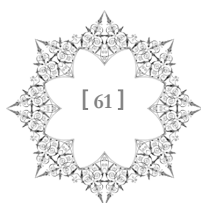
**ANTOLOGIA NACIONAL
2026**



Se não for ficar, me avisa.
Assim eu não me acostumo com a sua presença.
Aí eu não vou precisar chorar quando você partir
E nem quando demorar para voltar.

Se for entrar na minha vida, me faça sorrir
Eu tenho precisado disso.
Me faça sentir vivo, como quem está amando
Ou como quem está chapado.

Corra comigo, ria comigo, viva comigo...
e se der, fique comigo.
Mas se não for ficar, tudo bem
Só me avisa, assim eu não me acostumo com a sua presença.





Apresentamos

A DEPENDÊNCIA

POR GEOVANNE FERREIRA

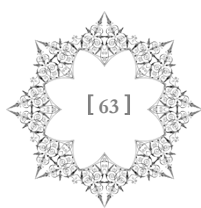
Geovanne Ferreira é poeta e graduando em História pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Natural do interior do nordeste mineiro, encontrou na literatura, ainda na infância, um espaço de expressão, sensibilidade e permanência. Desde então, a leitura e a escrita atravessam sua trajetória, moldando sua relação com o mundo e com a arte. Suas influências transitam entre a introspecção de Clarice Lispector, a pluralidade poética de Fernando Pessoa e a estética melancólica e cinematográfica de Lana Del Rey.



**ANTOLOGIA NACIONAL
2026**



Se eu não sou para mim
O que sou para o outro
Então eu não vivo;
Eu sirvo.





Apresentamos

DEUS É A FORÇA DO RECOMEÇO...

POR IOLANDA ALENCAR DE BRITO

Iolanda Alencar de Brito, nasceu em Chorozinho - CE em 1964. Escreveu seu memorial intitulado "Passos de Minha vida", o que aflorou o desejo de escrever. Já participou de duas antologias publicadas. Aprecia: Clarice Lispector, Raquel de Queiroz e Patativa do Assaré. Graduada em Pedagogia, Especializada na Área de Linguagem e Códigos, Pós-graduada em Língua Portuguesa. Pedagoga afastada das atividades, em processo de aposentadoria.



**ANTOLOGIA NACIONAL
2026**



A vida do ser humano é um futuro cheio de incógnita.
Planejar é o caminho mais seguro, para uma vida bendita.
Porém, somos passivos de imprevistos e tribulações.
Carece prevenção, fé em Deus e discernimento nas decisões.
O bom cristão não deve agir por impulso e revolta.
Toda escolha tem consequência e pode causar uma reviravolta.

Cabe ao homem reconhecer, o tempo de mudar a direção.
Persistir e arriscar no curso errado, não é solução.
Requer humildade, negar a sua autossuficiência.
Deus é supremo! Ao homem deu muita Ciência.
A vida-nos concebeu de corpo, espírito e alma.
Dele somos dependentes, Luz que nos acalma.

A vida não é feita de miragem, exige bom senso e compreensão.
Falar com Deus é ser, sensível a voz do coração.
É um norte que, nos faz mover qualquer decisão.
Diante de qualquer dimensão, é válido a reflexão.
Saber o que quer dá vida fazer.
Ter motivação para a ação mover.

Sonhar sempre em qualquer fase da vida.
Enriquece, ressignifica, valoriza o ser, e a vida é mais querida.
Constituir metas e focar no que almeja realizar.
Estabelecer recursos e meios possíveis de concretizar.
Desenvolver estratégias para o passo a passo alargar.
Saber identificar a hora certa para agir, e o tempo de Deus esperar.

A estrada da vida tem curvas, retas, altas, baixas, serras e montanhas.
É preciso ouvir o inaudível, enxergar as surpresas façanhas.
Aceitar na fé que, os dons do Espírito Santo, é quem nos move.
A cegueira de espírito, leva o fracasso e nada positivo promove.

Muitos atropelam seus sonhos, por não perceber a hora da bússola alterar.
Saber fazer a gestão do tempo, implica em saber seus sonhos alcançar.

Persistência é necessário, porém, requer ciência do rumo certo.
Persistir, lutar e entusiasmar-se por objetivo real e concreto.
O Espírito Santo de Deus, sempre sinaliza o que é agradável.
Buscar o discernimento em Deus, é um valor imensurável.
Quando qualquer vocação provém de Deus, tudo flui com sucesso.
Quem tem conexão com Deus, suas ações sempre tem progresso.

Quando as avenidas do tempo, pregar obstáculos na caminhada.
Refleta, avalie os critérios, refaça e faça a retomada.
Às vezes é preciso recuar, voltar atrás e de novo recomeçar.
Há circunstâncias que o coração fala: Não dar para continuar!
A vida é feita de oportunidades e recomeços, até acertar.
Mude a rota e prossiga diferente, escute a voz de Deus a entoar.

Os entraves no curso da vida, são possíveis reverter.
Encontrar o fio condutor é o princípio do refazer.
É prudente não abalar-se nas dificuldades que encontrar.
No nascimento da vida humana, a primeira emoção, é chorar.
Para logo entender que, viver significa travar lutas e batalhas.
Deus - nos fez livre para voar, romper fronteiras e muralhas.

A esperança no seio humano, deve sempre florescer.
O declínio pode ser motivo para o ser humano reaprender.
Erguer a cabeça, de postura firme, é revigorar a alma em ação.
Fé, verdade e bem, palavras que resumem toda superação.
Não existe jornada de vida sem desafio, viver é lutar.
Viver significa, romper barreiras, cair, levantar e de novo recomeçar.

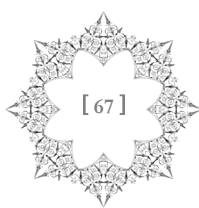
Deus, é a força do recomeço, revela novos horizontes e nova travessia.
O Espírito Santo capacita-nos, indica pontes e alivia a agonia.

Toda tribulação poderá ter superação.
A dor física, moral, espiritual ou social, sofre emoção ou razão.
Deus não desampara a sua criatura, busque o Pai com ternura.
Renuncie os hábitos de agrura e revista-se do véu da candura.

Ser feliz é ultrapassar as zonas de sofrimento.
Com equilíbrio, fé em Deus, disciplina e empoderamento.
É possível superação e testemunhar nova vida.
Sem a graça de Deus, não é possível ficar de cabeça erguida.
Cair e reergue-se, é pra quem está sempre pronto a recomeçar.
Com Deus, podemos o caminho endireitar e a vida contornar.

Amar a vida, é dela não se desapegar.
Identificar os sinais que fortalece a vida, é a vida zelar.
Tudo que faz a humanidade sofrer, é tóxico e sinaliza o perigo.
Viver bem, conviver bem, fazer o bem, é acolher Deus no seu abrigo.
A vida renasce, no ser que deixa em seus atos, a vida brotar.
Fazer a paz, a liberdade e a amizade conquistar, sem o próximo machucar.

É um jeito descente, de fazer e refazer, as curvas da vida e novo voltar.
Deus tem palavras de vida nova, para quem busca se restaurar.
De Suas mãos, emana o Espírito Santo, para a vida iluminar.
É misericordioso, perdoa os que adentram na retidão, para recomeçar.
Basta que sejamos fiéis obedientes e tementes.
Seu amor liberta e a vida decorre com novas sementes.





Apresentamos

ÀS MARGENS DE UM RIO

POR JEANNE CRISTINA

Jeanne Cristina Farias Santos Lima é Baiana, malhadense, casada, mãe de duas meninas e de dois meninos, educadora há mais de 20 anos, pedagoga, psicopedagoga, graduanda em Ciências Sociais, organizadora do Projeto CriArte's (com oficinas literárias, produção artística e cultural) e idealizadora de muitos projetos voltados para a literatura.

Contato: crisjeanne@hotmail.com



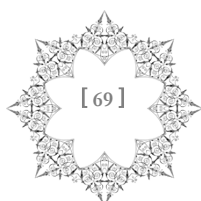
**ANTOLOGIA NACIONAL
2026**



Às margens de um rio,
onde sempre mergulhei,
muitas surpresas encontrei
em que aprendi a nadar,
respeitar e contemplar
as belezas do meu Deus.

Foi no Rio São Francisco
rio de belas paisagens,
festas, culturas e arte,
pescadores e canoas
suas águas nos entoa
um canto a festejar.

Rio de peixes e histórias
preservado na memória
que hoje guardo na lembrança
são passagens da infância,
das águas da minha vida
e do meu tempo de criança.





Apresentamos

VERSOS DE UM BORDADO

POR LÚCIA PAULINO

Lúcia Maria Paulino Santos é filha de Itaúna, Minas Gerais, mas belorizontina de coração. Tem 74 anos, é viúva e mãe de dois filhos. Professora aposentada de Educação Física. Amante das artes e da linguagem escrita. Escreve contos e poemas.



**ANTOLOGIA NACIONAL
2026**



Gosto de escrever poemas
Bordando em um tecido
Na frente do bordado
Bordos alegrias e sonhos
Amores, paixões e desejos
No avesso do bordado
Gosto de bordar
As lutas de cada dia
O trabalho difícil
As decepções e tristeza
Os amores perdidos
Sonhos esquecidos
Os que nos deixaram
Férias inacabadas...
Mas quando viro
O bordado pronto
O que aparece
É tudo o que houve de bom
No avesso bem guardados
As dores e as tristezas
Para que todos que vierem ver
O belo bordado
Que em poesia bordou
A felicidade!





Apresentamos

O PESO DA SOMBRA

POR LUCILEIDE DE FÁTIMA BUENO FELDHAUS

Lucileide Feldhaus nasceu no Paraná em 1978, mas adotou Garuva/SC como lar. Pedagoga, é especialista em Projetos Interdisciplinares e Práticas Pedagógicas e em Supervisão Escolar, e mestranda em Educação pela PUC-SP. Servidora pública efetiva na Rede Municipal de Garuva desde 2013, atuando como Diretora de Ensino, Presidente do CME, Dirigente Municipal de Educação (desde 2021) e membro da diretoria da UNDIME-SC e do Colegiado da FECAM-SC. Mãe biológica e do coração, Lucileide alia o rigor técnico de sua trajetória à sensibilidade de educadora, enxergando na escrita e no afeto ferramentas fundamentais para transformar realidades humanas.



**ANTOLOGIA NACIONAL
2026**



Não há registro na calçada que explique o primeiro passo fora do trilho.
O arquivo das razões se perdeu em alguma gaveta sem chave,
algum silêncio de família ou porta fechada na noite errada.
Ninguém nasce calçamento; a gente vira pedra aos poucos.

O verão nesta cidade não é cartão-postal de férias,
é um bafo de ferro que sobe do chão ao meio-dia.
O asfalto morde a sola do pé descalço,
uma brasa cinzenta que cobra pedágio por cada metro de caminhada sem rumo.

Quando o sol finalmente desce atrás dos prédios altos,
o alívio é uma mentira que dura poucos minutos.
A noite traz o suor pesado que cola a camisa ao corpo,
e o zumbido fino dos pernilongos desenha círculos no escuro.

A pele vira o pasto de uma fome miúda e aérea.
É preciso abanar as mãos contra o nada, num ritmo de prece,
disputando o ar parado com os insetos da lâmpada da praça,
enquanto o resto do mundo dorme atrás do vidro do ar-condicionado.

Às vezes o céu desaba em temporais que lavam as marquises,
e a ironia do mundo se faz notar na poça que transborda:
há água de sobra para encharcar o papelão e o osso,
mas falta uma gota limpa para molhar a garganta seca de poeira.

Então o tempo vira a página e o vento muda de quadrante.
O inverno chega sem pedir licença, descendo a avenida principal,
um frio de lâmina afiada que não respeita o papelão
nem a espessura do cobertor doado na véspera.

A frente fria atravessa a carne como se a gente fosse feito de gaze.
O peito recolhe as pernas para dentro do peito, num oviduto de dor,

tentando guardar o último calor que resta no centro do corpo,
enquanto o sereno da madrugada vai carimbando a testa de cinza.

Há quem olhe de soslaio do alto de sua pressa e julgue o copo plástico.
Julgam a garrafa de corote, o olhar perdido no vazio, a barba longa,
como se a anestesia fosse a causa, e não o efeito de um abandono,
como se a fumaça de um vício explicasse a solidão de uma vida inteira.

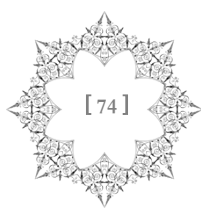
Mas a maioria ali guarda os olhos limpos de poeira e de pressa.
Não há química no sangue de quem apenas desaprendeu o teto.
Há homens com mãos de carpinteiro que esqueceram o esquadro,
mulheres com voz de acalanto que hoje só conversam com o vento.

Cada um carrega uma biografia oculta sob o casaco puído.
Um nome de batismo que ninguém pronuncia há mais de dez anos,
uma fotografia que desbotou no bolso até virar um borrão branco,
o rastro de um abraço que o tempo e a distância converteram em sal.

A cidade acorda cedo com seu barulho de chaves e motores.
As portas de ferro das lojas sobem com um estrondo de ferro,
expulsando o corpo que dormia no vão do pórtico,
como se o dia precisasse ser limpo da nossa própria presença.

Tornar-se invisível é o trabalho mais doloroso da vigília.
As pessoas passam olhando através, fixas na tela do telefone,
vistas de baixo, parecem gigantes de gesso que não têm calcanhar,
marchando sobre o chão que também pertence a quem não tem nada.

Restam as mãos estendidas, não por esmola, mas por espelho.
O desejo secreto de que alguém, ao deixar uma moeda de cobre,
sustente o olhar por dois segundos inteiros e reconheça, ali dentro,
o mesmo tecido humano que rasga, que sua e que sente frio.





Apresentamos

O PESO DA ÁGUA

POR LUCILEIDE DE FÁTIMA BUENO FELDHAUS

Lucileide Feldhaus nasceu no Paraná em 1978, mas adotou Garuva/SC como lar. Pedagoga, é especialista em Projetos Interdisciplinares e Práticas Pedagógicas e em Supervisão Escolar, e mestranda em Educação pela PUC-SP. Servidora pública efetiva na Rede Municipal de Garuva desde 2013, atuando como Diretora de Ensino, Presidente do CME, Dirigente Municipal de Educação (desde 2021) e membro da diretoria da UNDIME-SC e do Colegiado da FECAM-SC. Mãe biológica e do coração, Lucileide alia o rigor técnico de sua trajetória à sensibilidade de educadora, enxergando na escrita e no afeto ferramentas fundamentais para transformar realidades humanas.



**ANTOLOGIA NACIONAL
2026**

Viver é aceitar o ofício de ser margem e correnteza ao mesmo tempo.
Ninguém recebe o mapa das pedras que se escondem sob a espuma,
somos lançados na água com a roupa do corpo e o fôlego curto,
obrigados a aprender a nadar enquanto o leito se move.

Há dias em que a travessia emperra num banco de areia qualquer.
É a fase em que o peito reclama do tamanho das ondas e do frio,
um lamento miúdo que ecoa nas frestas da nossa própria fraqueza,
quando achamos que o rio tem algo pessoal contra o nosso destino.

Esse murmúrio de mágoa é o barro que tenta prender os nossos pés.
É fácil sentar na beira do barranco e apontar a força da enxurrada,
reclamar que a corrente do vizinho corre mais mansa ou mais limpa,
esquecendo que todo mundo, em algum trecho, engole água suja.

Mas o rio não para para ouvir o nosso cansaço ou o nosso protesto.
A água que passa não pede desculpas pela força com que bate na rocha;
ela apenas segue o seu curso, contornando o que não pode quebrar,
ensinando que a verdadeira força não está no confronto, mas na curva.

A resiliência é essa capacidade de virar madeira de balsa:
aprender a boiar quando o peso do mundo tenta nos afundar,
entender que o fundo do poço também tem correnteza que empurra para cima,
e que o mesmo nó que aperta a garganta pode virar corda de salvação.

Ninguém atravessa o próprio inverno sem olhar para o lado.
A empatia é o galho estendido que a gente oferece sem perguntar o nome,
o remo emprestado no meio do redemoinho quando o outro perde o rumo,
sabendo que a fragilidade dele é o espelho da nossa amanhã.
Superar não é esquecer que a água quase cobriu a nossa cabeça;
é olhar para a cicatriz do afogamento e perceber que o pulmão ficou maior.
É carregar o lodo da margem antiga como adubo para a nova plantação,
transformando o susto da queda na audácia de continuar remando.

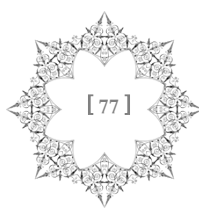
O meio do rio assusta porque o chão desaparece sob as solas.
Não há corrimão na correnteza, não há aviso luminoso de perigo;
resta apenas a confiança cega nos próprios braços e no compasso do peito,
a certeza de que toda tempestade gasta a sua própria fúria no caminho.

Nas curvas mais fechadas, onde o entulho da vida se acumula,
a gente descobre que o que nos atrasa não é o tamanho do obstáculo,
mas o apego que temos às bagagens velhas que deveriam ter sido largadas.
Para flutuar com leveza, o corpo precisa aprender a abrir as mãos.

A travessia esculpe a nossa pele com o cinzel das águas brutas.
Deixamos pedaços de orgulho nas pedras pontiagudas do percurso,
perdemos a ilusão de que controlamos o rumo dos ventos e das marés,
mas ganhamos a sabedoria mansa de quem já não teme a profundidade.

Quando o leito finalmente alarga e o mar aparece no horizonte,
olhamos para trás e mal reconhecemos aquele que temia o primeiro banho.
O rio que parecia um inimigo terrível no meio da noite escura
foi apenas o mestre severo que nos moldou para caber no infinito.

A vida, afinal, não é o porto seguro onde o barco descansa na corda;
é o movimento exato do corpo que rasga a espuma e aceita o risco.
Atravessar é a nossa única escolha, e a resiliência é o segredo:
fazer do próprio naufrágio o desenho do nosso próximo recomeço.





Apresentamos

O SILÊNCIO DAS COISAS QUEBRADAS

POR LUCILEIDE DE FÁTIMA BUENO FELDHAUS

Lucileide Feldhaus nasceu no Paraná em 1978, mas adotou Garuva/SC como lar. Pedagoga, é especialista em Projetos Interdisciplinares e Práticas Pedagógicas e em Supervisão Escolar, e mestranda em Educação pela PUC-SP. Servidora pública efetiva na Rede Municipal de Garuva desde 2013, atuando como Diretora de Ensino, Presidente do CME, Dirigente Municipal de Educação (desde 2021) e membro da diretoria da UNDIME-SC e do Colegiado da FECAM-SC. Mãe biológica e do coração, Lucileide alia o rigor técnico de sua trajetória à sensibilidade de educadora, enxergando na escrita e no afeto ferramentas fundamentais para transformar realidades humanas.



**ANTOLOGIA NACIONAL
2026**



Toda coisa quebrada guarda um barulho
que só quem conserta escuta.
É um estalo preso na garganta da madeira,
um gemido que a porcelana segura entre os dentes.

A xícara trincada na beira da pia
não reclama do fio de rachadura.
Ela aprendeu a abraçar o café mais quente
justo na parte que dói.

O banco da praça perdeu uma ripa no inverno.
Agora tem fresta pra chuva passar,
e cabe mais um corpo torto,
mais um joelho cansado, mais uma história.

Ninguém senta no meio inteiro.
A gente procura o vão,
o defeito que virou convite,
o silêncio que sobrou depois do estrago.

O guarda-chuva quebrou na ventania de março.
Virou espada, virou barco, virou antena
na mão do menino da rua de baixo.
Quebrado, ele voa mais alto que inteiro.

Tem relógio de parede que parou às 3h17.
Não é preguiça. É teimosia.
Ele segura o minuto em que ela saiu pela porta
e nunca mais acertou a hora de ir embora.

A viola tem uma corda a menos.
Por isso mesmo a moda dói mais.

O silêncio da nota que falta
é onde o violeiro esconde a saudade.

Minha avó remendava lençol com linha de outra cor.
Dizia: "Costura aparecendo é pra lembrar
que o rasgo existiu, mas não venceu."
Dormir ali era dormir em cicatriz quente.

O vaso rachado na janela
vaza um fio d'água todo dia.
Mesmo assim a samambaia insiste.
Tem raiz que bebe é do vazamento.

Porta que range não pede óleo.
Pede ouvido.
É o jeito que a casa encontra
de dizer "tem gente chegando".

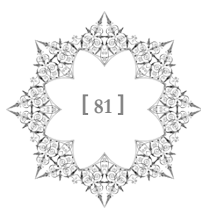
O óculos sem uma haste, preso no barbante,
enxerga melhor que muito olho inteiro.
Porque quem conserta com o que tem
aprende a ver o que importa.

Até a voz quebra.
E no silêncio depois do choro,
a gente descobre o tom
que não sabia que tinha.

Joguei fora tanta coisa no primeiro trincado.
Hoje coleciono estalo, remendo, fresta.
Descobri que inteiro é pouco.
Quebrado é biografia.

Não me dê coisa nova.
Me dê a que sobreviveu à queda,
a que calou a dor e continuou servindo café,
a que quebrou e virou outra coisa mais forte.

No fim, o silêncio das coisas quebradas
é o barulho que a gente faz quando resolve ficar.
É trinca virando desenho.
É falta virando lugar.





Apresentamos

NOMES ÓRFÃOS

POR LUCILEIDE DE FÁTIMA BUENO FELDHAUS

Lucileide Feldhaus nasceu no Paraná em 1978, mas adotou Garuva/SC como lar. Pedagoga, é especialista em Projetos Interdisciplinares e Práticas Pedagógicas e em Supervisão Escolar, e mestranda em Educação pela PUC-SP. Servidora pública efetiva na Rede Municipal de Garuva desde 2013, atuando como Diretora de Ensino, Presidente do CME, Dirigente Municipal de Educação (desde 2021) e membro da diretoria da UNDIME-SC e do Colegiado da FECAM-SC. Mãe biológica e do coração, Lucileide alia o rigor técnico de sua trajetória à sensibilidade de educadora, enxergando na escrita e no afeto ferramentas fundamentais para transformar realidades humanas.



**ANTOLOGIA NACIONAL
2026**



O nome é a primeira roupa que nos vestem sem pedir licença.
Uma herança de sílabas que colam na pele antes do primeiro dente,
palavras que carregamos pela vida inteira feito um documento vivo,
algumas leves como pluma, outras pesadas como pedra de moinho.

Há quem nasça sob o signo do capricho e da teimosia de um avô,
que guardou no bolso um nome antigo, trazido de além-mar,
uma palavra áspera, cheia de consoantes duras e poeira de tempo,
que o velho cravou no registro só para garantir que o passado não morresse.

Outros carregam na certidão o palpite apressado da tia solteirona,
que folheou uma revista de fofocas na sala de espera da maternidade
e achou que três vogais estrangeiras juntas trariam sorte ao menino,
sem prever o cansaço de uma vida inteira soletrando o próprio nome.

Existe o nome que nasceu da gratidão sincera no balcão do açougue.
O homem que fiava a carne na caderneta nas semanas de mesa vazia
acabou virando padrinho invisível, eternizado na pia batismal do garoto,
um tributo de sangue e osso pago em letras maiúsculas no cartório.

Nas tardes de domingo, sob o sol que ardia no cimento da arquibancada,
o pai jurou que o filho herdaria a velocidade daquele ponta-esquerda.
E a criança cresceu vestindo o nome de um herói de chuteiras e suor,
um drible gramatical que o locutor de rádio narrava e o coração repetia.

Há os nomes que descem diretamente do topo do Monte Sinai,
carregados de profecias, poeira de deserto e severidade bíblica.
Nomes que exigem postura reta de quem os pronuncia na chamada da escola, como se o
menino de calções curtos devesse explicações aos patriarcas.

E os que nascem do olhar fixo no mapa do céu e nas efemérides.
Mães que consultaram os astros antes de cortar o cordão umbilical,

parindo filhos com nomes de constelações distantes e planetas frios, condenando a criança a buscar sua órbita em meio ao caos da terra.

Alguns nomes parecem inventados na fusão de dois mundos na mesa da cozinha:
o começo do nome do pai costurado à força no final do nome da mãe,
uma quimera de letras que não existe em nenhum dicionário do planeta,
mas que celebra o encontro exato de duas sangrias na noite de inverno.

Há também o nome que veio de uma novela das oito que parou o país,
ou da canção de rádio que tocava no táxi a caminho do hospital.
O rastro de uma ficção que se materializou em carne, choro e fralda, transformando a filha da costureira na rainha de um império de vento.

Existem palavras que o escrivão do cartório anotou com a grafia errada,
um "Y" que escapou da caneta, um "H" que sobrou no meio do caminho,
e o erro de ortografia virou a marca registrada, o brasão da família,
a prova de que o destino, às vezes, é um funcionário público cansado.

Ouvir o próprio nome na sala de espera é sempre um exercício de suspense.
A secretária que hesita, morde os lábios, tenta adivinhar a pronúncia,
e o sujeito que se levanta antes que a vergonha complete o chamado, respondendo com o braço erguido: "Sou eu, pode deixar, eu já sei".

As pessoas com nomes comuns passam pelo mundo em bandos, protegidas; são as Marias, os Josés, os Joões que dividem o peso da história.
Mas quem ganha um nome órfão precisa abrir o próprio caminho no mato, carregando a raridade na testa feito uma coroa ou uma cicatriz.

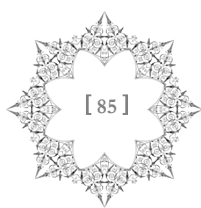
Atrás da excentricidade das letras que o mundo acha engraçadas,
mora o silêncio de um pai que queria que o filho fosse grande,
o sonho de uma mãe que desejou uma vida menos cinzenta e comum,
a tentativa humana e desesperada de salvar a cria do anonimato.

Nenhum nome diferente é um erro quando nasce de um desejo de luz.

Ele é o poema que a família escreveu na margem do livro do mudo,
um grito de identidade num século que insiste em nos transformar em números, em
códigos de barras, em senhas eletrônicas, em estatísticas ralas.

Ao fim da travessia, quando o mármore da lápide receber as últimas inscrições, não
importará se o nome causou riso, tropeço ou espanto no cartório.

O que fica é o eco da voz de quem nos chamou para o almoço no quintal, mostrando que o
nome, por mais estranho, era apenas o apelido do amor.





Apresentamos

PÓRTICO VERDE

POR LUCILEIDE DE FÁTIMA BUENO FELDHAUS

Lucileide Feldhaus nasceu no Paraná em 1978, mas adotou Garuva/SC como lar. Pedagoga, é especialista em Projetos Interdisciplinares e Práticas Pedagógicas e em Supervisão Escolar, e mestranda em Educação pela PUC-SP. Servidora pública efetiva na Rede Municipal de Garuva desde 2013, atuando como Diretora de Ensino, Presidente do CME, Dirigente Municipal de Educação (desde 2021) e membro da diretoria da UNDIME-SC e do Colegiado da FECAM-SC. Mãe biológica e do coração, Lucileide alia o rigor técnico de sua trajetória à sensibilidade de educadora, enxergando na escrita e no afeto ferramentas fundamentais para transformar realidades humanas.



**ANTOLOGIA NACIONAL
2026**

É no primeiro palmo de chão deste Estado que o silêncio trabalha.
Antes do asfalto, antes que os galpões de zinco
desenhem suas linhas retas contra o horizonte,
a arquitetura da terra já havia decidido suas curvas.

Nos jacatirões, palmeiras e palmitos que guardam as entradas da cidade,
as bromélias fincam suas garras de feltro e água.
Não pedem licença ao progresso que chega de caminhão;
apenas brotam, feito pequenas fogueiras verdes
acesas no topo do mundo.

O Rio São João carrega a memória do que fomos.
Nas suas margens, onde o operário descansa os olhos do torno,
a raiz da flor bebe o mesmo espelho d'água.
Ali, o ferro da indústria esbarra no gume da folha,
e a fábrica, com todo o seu barulho de engrenagem e pressa,
é obrigada a respeitar o tempo de um desabrochar.

Dizem que aqui Santa Catarina começa.
Mas quem repara no alto, na casca rugosa das árvores velhas,
sabe que a geografia humana é um detalhe recente.
Abaixo do viaduto, o concreto dita a regra;
acima dele, o cálice da flor recolhe a chuva
e mantém Garuva viva, intacta,
salva pelo próprio esquecimento.

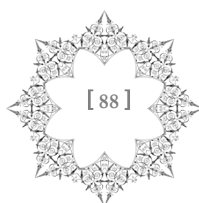
A BR-101 corta a carne da terra com sua pressa de asfalto,
trazendo o mundo em cabines de caminhões e fumaça.
Mas nas margens, onde a poeira da brita tenta cobrir o mundo,
o olho da bromélia se abre, limpo, lavado pelo orvalho da madrugada.
Ela é o avesso da pressa: cresce devagar,
enquanto o país passa correndo em direção ao Sul.

Há uma cumplicidade muda entre o homem que opera a máquina
e a planta que coloniza o poste, o galho, o telhado esquecido.
Na hora do almoço, sob a sombra rala de um cinamomo,
o cansaço encontra o descanso no mesmo tom de verde.
Ambos, homem e flor, sabem o que é fincar raízes
num chão que muda de formato a cada novo ciclo econômico.

Vistas de baixo, parecem ninhos que esqueceram de voar,
pequenos arranha-céus vegetais que não precisam de cimento.
Elas acumulam o céu em seus cálices de folhas largas;
guardam a água de janeiro para as secas de agosto,
ensinando à cidade uma paciência antiga,
aquela que as indústrias, com seus prazos, não conseguem calcular.

Quando a noite cai sobre Garuva e os galpões silenciam,
resta apenas o sussurro do Rio São João batendo nas pedras.
É nessa hora que a cidade verdadeira aparece,
despida de crachás, ferramentas e notas fiscais.
As bromélias, suspensas na escuridão,
parecem estrelas caídas que decidiram morar nas árvores.

Por isso, quem chega por este portal e lê o letreiro na entrada,
precisa olhar para além das placas de sinalização.
Santa Catarina começa aqui, é verdade,
mas começa na audácia daquela semente minúscula
que achou uma fresta na casca de uma palmeira
e decidiu que ali seria o seu palácio.





Apresentamos

POESIA

POR MÁRCIA ELIZA REZENDE DIAS

Márcia Eliza Rezende Dias nasceu na cidade de Patrocínio, MG, em 30 de setembro de 1951. Cursou Letras, na UFMG, Mestrado em Literatura, na UnB, e foi professora de Português da Secretaria de Educação do Distrito Federal, onde exerceu também outros cargos correlatos, voltados ao ensino e à propalação da Literatura. Tem livro e artigos publicados.



**ANTOLOGIA NACIONAL
2026**



Quanto poder tens, ó poesia!

Podes avivar-me o espírito
que renasce diante de ti:
tua presença é conversão.

Podes levar-me em tuas asas
para onde eu queira ir:
teu espaço é ilimitado.

Podes conservar intatos
os meus sonhos sem fim:
teu tempo é infinito.

Podes estar presente
onde meus olhos buscam por ti:
teu vigor é ubíquo.

Podes erguer-me ao alto,
ao mais recôndito azul ir:
tua força é onipotente.

Se tens poder em toda parte,
além do tempo, além do espaço,
projetas os raios divinos,
és pura manifestação da Luz.

Se tens, pois, tais atributos,
arrebatas-me com teu fulgor,
para avivar-me o espírito
que renasce diante de ti.

E para avivar-me o espírito
que renasce diante de ti,
amenizas as intempéries
e, fiel, entregas-te a mim.

Se vens entregar-te a mim,
transformando-me o ermo espírito
e fazendo-o renascer assim,
é porque eu já me entregara a ti.

Pois nenhum encontro haveria,
que me avivasse o espírito,
se só tu viesses a mim
ou se só eu fosse a ti.

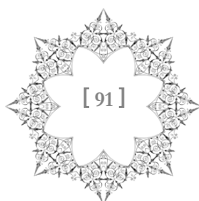
A entrega deve ser mútua,
completa, a preencher o vazio
do espírito outrora ermo,
e agora habitado por ti.

E, na cadência que me envolve
o espírito em melodia,
de mãos dadas, seguiremos
o ritmo orquestrado por ti.

Até que um dia, quando eu partir,
à Luz, levarás este espírito
que já renasce nas mãos de Deus,
e não mais diante de ti.

Então, retornarás à procura
de quem te busca como eu fiz,
para também avivar-lhe o espírito
e fazê-lo renascer diante de ti.

Ó poesia, quanto poder tens!





Apresentamos

TANTAS GUERRAS

POR MARCO ANTÔNIO BRUNIALTI

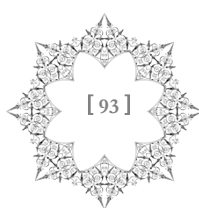
Marco Antonio Brunialti, é servidor público federal aposentado sempre manteve uma paixão pela arte de escrever e já participou já de diversos concursos de poesias entre os quais foi classificado Antologia em 1993 com tema Lar, Lares e não só Moradias na categoria Poesia, e Antologia 1998 com o tema Nas coisas que vejo o humano que desejo na categoria Conto, USF Universidade de São Francisco em Bragança Paulista.



**ANTOLOGIA NACIONAL
2026**



Tantas dores e horrores mortes marcadas
Vidas perdidas e ceifadas universos diversos
As lágrimas se derramam em escombros
O véu escarlate de prantos sem fim
O sussurro silenciado de balas mortíferas
O céu rubro do desalento um mar de mortes
A cobiça dos poderosos as crianças fantasmas
Fake news views mentiras narrativas distópicas
Narrativas, ideologias poder, poder , poder
A gênese da intolerância o ódio maniqueísta
E os olhos se vestem de vingança e ironia
As mães procuram seus filhos e fogem na dor
Gritos e imagens esfumaçadas de violência
No meio do inferno um ser todo esmagado
Animais que se movem a fome que semeia
A angústia cresce infinita nos corações
O abalo cósmico das bombas cruéis
O menino cambaleia no mundo surreal
Chorando por horas pela ausência
Diante de tudo as tropas marcham
Os fuzis, os mísseis drones desgovernados
Nada mais apenas o apocalipse
Diante de nós.





Apresentamos

A FORÇA DE UM SORRISO

POR MARILU F QUEIROZ

Publicitária, Escritora e Aquarelista. Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Mackenzie/SP.

Assoc. REBRA - Rede de Escritoras Brasileiras.

Assoc. ACIMA - Associazione Culturale Internazionale Mandala - Itália. Livro de contos, didático e dissertação sobre arte.

Textos em antologias e revistas eletrônicas - Brasil, Alemanha, EUA, França, Itália, Portugal e Suíça.



**ANTOLOGIA NACIONAL
2026**



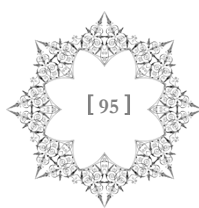
Sorrir é se desafiar no dia a dia,
um ato simples, mas cheio de magia.
É deixar a alma em doce latência,
onde a felicidade ganha a cadência.

A felicidade toma conta do ser...
Um sorriso espontâneo pode oferecer,
momentos de empatia e pura bondade,
reflexos da alma em sua total verdade.

É no sorriso que o ânimo se decide,
e o melhor de nós mesmos se divide.
Proporcionando ao próximo o calor
de um gesto genuíno, cheio de amor.

Sorrir é exercício da alma em ação...
Deixar transparecer a felicidade, então,
é mostrar que a vida é feita de momentos,
pequenas alegrias, grandes sentimentos.

Um sorriso é capaz de mudar o dia,
transformar a tristeza em melodia.
Presente que oferecemos ao mundo,
num gesto simples, mas tão profundo.





Apresentamos

O TECIDO

POR PEDRO HENRIQUE FERREIRA PASSOS

Pedro Passos nasceu na periferia de São Paulo. Formado em Administração Pública pela UNESP Araraquara, atua como consultor de tecnologia e inovação. Gay e ativista LGBT, desenvolve uma escrita interessada nas estruturas invisíveis que organizam a vida social, explorando temas como identidade, afeto, pertencimento e poder. Influenciado por autores como Carla Madeira, Aline Bei, Vera Iaconelli, Clarice Lispector, Jean-Paul Sartre e Édouard Louis, utiliza a literatura como espaço de imaginação política, reflexão crítica e construção de novos mundos.



ANTOLOGIA NACIONAL
2026

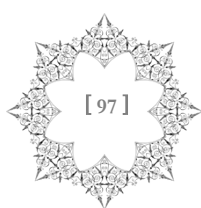


sobre a nossa pele repousa um tecido
bordado com fibra de homem e agulha de mulher
grosso, bem costurado
aparentemente, neutro

até que um dia, desponta uma fissura
“eu sinto atração pelo mesmo sexo”
e, por menor que fosse, o buraco já doía na costura

um pouco depois, o buraco virou rasgo
“eu não me identifico com o gênero de nascimento”
“a minha atração não se limita”
agora, através da trama, podemos ver por debaixo
tem muita gente

descontente entre o rombo e o remendo
“tecido que não me representa, melhor passar frio”
“não tem problema, costuro outro”
hoje, ainda coberto, me pergunto
para quem é sedoso e para quem é áspero





Apresentamos

O BELO DE CADA UM

POR SELLMA LUANNY

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias - em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



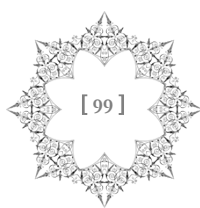
**ANTOLOGIA NACIONAL
2026**



Essa miríade humana
onde diversidade é a norma...
Cada um com suas impressões,
singulares opiniões... e rostos.
O que é o belo para um,
para o outro, pode ser o feio.

E assim, as pessoas vão vivendo...
Em inconscientes esforços
de individualizar...
Realidades e mundos próprios
sendo coloridos...
Vidas e gostos à parte.

O belo não é só o belo pelo belo.
Mais que primitivo conceito,
transmuta...
como variam em indivíduos
de ambientes diversos,
as cores e a epigenética.





Apresentamos

SÓ

POR SELLMA LUANNY

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



ANTOLOGIA NACIONAL
2026

Você já se sentiu,
em meio à multidão,
só?
E em uma relação?

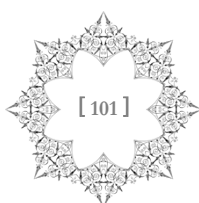
Parou para pensar,
onde o problema
está?
E a solução?

Um mais um,
nem sempre são dois...
quando não há
comunhão.

Um mais um,
às vezes, é um só.
Pode estar em você,
a razão.

Aonde chegar,
quem define, é você...
se já é hora de dizer basta
à insatisfação.

Porque em sua vida,
é sua a decisão...
Se só, bem vive
ou não.





Apresentamos

VIAGEM AO TÉDIO

POR VALDIR ARAGÃO DO NASCIMENTO

Valdir Aragão do Nascimento possui diversos artigos acadêmicos publicados sobre os mais variados temas, em especial os voltados às ciências humanas e sociais. É bacharel em Ciências Sociais, Licenciado em Sociologia e Filosofia e mestre em Antropologia.



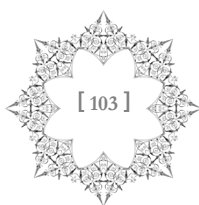
**ANTOLOGIA NACIONAL
2026**

Fecho a porta e me deito.
Vou viajar até o tédio,
Enfiar minha dor num copo de esperança
E regurgitar essa fala que me cala.

Vou escrever com sangue o teu nome,
Rabiscar absurdos nos muros da alma,
Mascarar o meu medo, ensaiar minha morte.
Vou alcançar o sono e dançar com o pesadelo.

Vou viajar até o tédio,
E sentar-me à beira do abismo,
Contemplar a face obscura das minhas reminiscências,
E socializar minhas ausências.

Vou viajar até o tédio,
E abrir algumas feridas
- Pra ter de novo minhas angústias repetidas,
E recolher o que ficou da tua saudade.





Apresentamos

HORA ABERTA

POR VALDIR ARAGÃO DO NASCIMENTO

Valdir Aragão do Nascimento possui diversos artigos acadêmicos publicados sobre os mais variados temas, em especial os voltados às ciências humanas e sociais. É bacharel em Ciências Sociais, Licenciado em Sociologia e Filosofia e mestre em Antropologia.



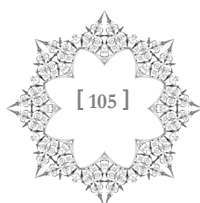
**ANTOLOGIA NACIONAL
2026**



O relógio quebrado, marca hora incerta
Engrenagens frias, movimento inerte.
- Destino vazio – que o tempo verte.
Meu amor, eu morro, nessa hora aberta.

Quem sabe eu acerte – uma hora dessas,
O lugar que habita meu ser que fenece
- Invenções do tempo – que o passado tece,
Meu amor, eu morro, nessa hora aberta.

Me perdi te olhando, através das frestas
Do silêncio cru das horas desertas
Decerto deliro, pois não há mais tempo
Meu amor, eu morro, nessa hora aberta.





Apresentamos

DESPEDIDA

POR VALDIR ARAGÃO DO NASCIMENTO

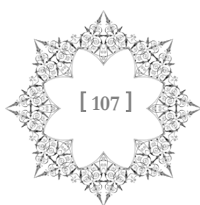
Valdir Aragão do Nascimento possui diversos artigos acadêmicos publicados sobre os mais variados temas, em especial os voltados às ciências humanas e sociais. É bacharel em Ciências Sociais, Licenciado em Sociologia e Filosofia e mestre em Antropologia.



**ANTOLOGIA NACIONAL
2026**



Transbordo de mim e me esparramo nas flores da tua coroa
Tingo de vermelho seus crisântemos
Roubo a paz dos seus lírios – maculo suas rosas brancas
Hemácias, leucócitos e plaquetas colorindo seus copos-de-leite
Penetro no mármore frio do teu sepulcro, atravesso a terra remexida
- E te alcanço à meia noite.
Escorro pela madeira da sua urna,
Limpo o vidro pra te ver uma última vez.
Permeio a porosidade do teu féretro e mergulho em sua ferida.
Do teu último ato, procuro motivação, explicação, justificativa...
- Não encontro – talvez nem exista.
Deito ao teu lado – durmo contigo esta noite.
Vou coagular aos poucos essa saudade e alvorecer em ti minha despedida.





Apresentamos

COISA ESTRANHA

POR VALDIR ARAGÃO DO NASCIMENTO

Valdir Aragão do Nascimento possui diversos artigos acadêmicos publicados sobre os mais variados temas, em especial os voltados às ciências humanas e sociais. É bacharel em Ciências Sociais, Licenciado em Sociologia e Filosofia e mestre em Antropologia.



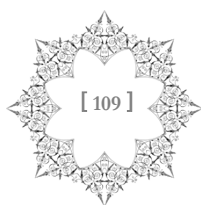
**ANTOLOGIA NACIONAL
2026**



Há uma coisa estranha
Por detrás do estranho das coisas
- Uma palavra que não digo
Um gesto que não concluo...
Uma estrada que não sigo.

Há uma coisa estranha,
Por detrás do estranho das coisas.
Um aceno da janela
Uma tarde em agonia...
- Um grito que silencio.

Por detrás do estranho das coisas,
há coisas estranhas com as quais convivo:
Uma fome de desertos,
Uma sede de abismos!





Apresentamos

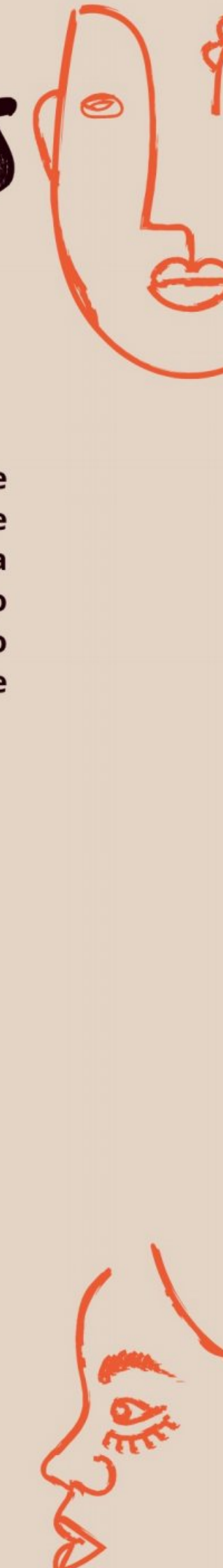
AMOR QUE SE FAZ

POR YOUSSEF BOUGUERRA

Youssef Bouguerra nasceu na Tunísia, vive no Brasil e já morou em diferentes países e cidades ao longo da vida. Sua escrita transita entre autobiografia, errância e ficção existencial, explorando temas como identidade fragmentada, pertencimento e deslocamento cultural.



**ANTOLOGIA NACIONAL
2026**



Amar verbo transitivo direto
Sem vergonha sem medo
Verbo transitório
Transigente mexe com a gente
Com o amor que se faz

Amor que transborda
Bom dia ofegando quando toca
Longas conversas translúcidas
Conto meu segredo me conta o teu
No amor que se faz

Amor que transcende
Alma em transe corpos transpirando
Vem me visitar em Montenegro
Pele arrepiada
Com o amor que se faz

Amor que transporta
Ao inferno ao buraco negro
Transgrede nosso pacto de lealdade
Cego vejo traindo
O amor que se faz

Amor que transita
Do beijo pro soco
Rato de laboratório cachorro
Obedeça ou morra
Amor que se faz

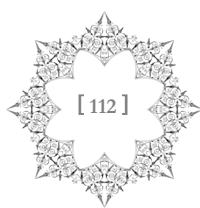
Amor que transfigura
Que se faz de bobo

Viva no meu mundo cego
Cuidado eu sei teu segredo
Do amor que se faz

Amor que transmuta
Paixão em angústia orgulho em miséria
Foi pro hospital adeus
A culpa é tua
Amor que se faz

Amor que transfixa
Volta pros meus braços
Aparece do nada é tudo
Menos transparente
Amor que se faz

Amar verbo definitivo
Apaga essa vergonha
No lugar de transar
Faça amor
Aquele amor que não se faz mais





CONHEÇA OUTROS

TÍTULOS DA COLEÇÃO

SELO

CONEXÃO LITERATURA

// LITERATURA QUE
CONECTA, **EMOCIONA**
E **TRANSFORMA!**



TENHA ACESSO
AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO:

CLIQUE AQUI!



HISTÓRIAS QUE
INSPIRAM



EMOÇÕES QUE
CONECTAM



PALAVRAS QUE
TRANSFORMAM



AUTORES QUE
ENCANTAM

FIQUE POR DENTRO DO
MUNDO DOS LIVROS!



VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR



CURTA: FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA



SIGA: INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA



INSCREVA-SE:
YOUTUBE.COM/CONEXAONERD



E-MAIL:
ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG



**PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS.
LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO.**

CLIQUE AQUI!